Para a História do Socialismo
Documentos
www.hist-socialismo.net

OCR e edição por CN, 4.07.2014
(original em: https://www.marxists.org/portugues/hoxha/ano/mes/stalin.pdf)

Os meus encontros com Stáline
(Conclusão)

Enver Hoxha

1979

Quarto encontro
Janeiro 1950

Debate na presença de Stáline entre a direcção do Partido do Trabalho da Albânia e os dirigentes do PC da Grécia sobre as suas divergências de princípio. Participantes: Stáline, Mólotov, Malenkov; Enver Hoxha, Mehmet Shehu; Niko Zachariadis, Mitcho Partsalidis. Sobre a estratégia e a táctica do Exército Democrático Grego. Varkiza. A táctica da defesa passiva é a mãe da derrota. Porquê as derrotas de Vitsi e Gramos? Do papel dirigente do partido no exército. O lugar e papel do comissário. Niko Zachariadis exprime os seus pontos de vista. Opinião de Stáline.

Em Novembro de 1949, ao encontrar-me com o camarada Stáline em Sukhumi, ele perguntou-me quando poderíamos encontrar-nos com os representantes do Partido Comunista da Grécia para esclarecer as divergências de princípio entre nós e os dirigentes desse partido. Ficou acordado realizar o encontro em Janeiro e, como os camaradas gregos aceitaram essa data, a reunião teve lugar no Krémlin em começos de Janeiro de 1950. Do lado soviético estavam presentes os camaradas Stáline, Mólotov, Malenkov e um certo número de funcionários do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. O nosso partido estava representado pelo camarada Mehmet Shehu e por mim, e o Partido Comunista da Grécia pelos camaradas Niko Zachariadis e Mitcho Partsalidis. A reunião realizou-se no gabinete de Stáline.

Stáline, simples e amável como de costume, levantou-se para nos receber e apertou a mão a todos, sorrindo. Tomando a palavra em primeiro lugar, dirigiu-se-me:

«*Camarada Hoxha, que tem a dizer em relação aos camaradas do Partido Comunista da Grécia?*»

E, dirigindo-se aos camaradas gregos, disse:

«*Os camaradas albaneses falarão primeiro, depois sereis vós a manifestar a vossa opinião.*»

Portanto tomei a palavra:

«*Camarada Stáline, enviámos uma carta ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética acerca das nossas divergências de princípio com o Partido Comunista da Grécia, em particular com os seus principais dirigentes. Solicitámos este encontro consigo para que possa julgar se os nossos pontos de vista são correctos ou não.*»

«— *Estou a par das questões que levantam*», respondeu o camarada Stáline, «*mas gostaria que expusessem novamente, diante dos camaradas gregos, os problemas que vos preocupam.*»

«— *Certamente que terei de invocar todas as questões que o nosso partido vos apresentou nessa carta. Tratámos também destes assuntos com camaradas gregos, particularmente com os camaradas Niko Zachariadis, Joanidis, o general Vlandas, Bardzotas e outros camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia. Devo acentuar que discordámos desde o início sobre um certo número de questões, mas limitar-me-ei a falar das mais importantes.*»

— «*É exactamente isso que pretendemos*», comentou Stáline.

Comecei então a minha exposição:

«*A nossa primeira divergência diz respeito ao problema da estratégia e da táctica da guerra travada pelo exército democrático grego. Tanto para o povo grego como para nós, albaneses, a luta contra os fascistas hitlerianos e italianos foi uma luta de libertação de que dependia o destino dos nossos povos. Devíamos coordenar esta luta, como de resto fizemos, com a guerra heróica do Exército Vermelho da União Soviética. Nós, albaneses, estivemos sempre certos da vitória já que todo o nosso povo se lançara como um só homem na grande luta de libertação, e tínhamos como aliado a União Soviética que esmagaria o nazismo alemão.*

«*O nosso partido apoiou a aliança sovieto-anglo-americana, pois considerou-a sempre uma coligação antifascista cuja finalidade era esmagar os nazis. Todavia, nunca tivemos a ilusão de pensar que os imperialistas anglo-americanos eram amigos e aliados fiéis do povo albanês. Pelo contrário, desde logo estabelecemos uma diferença fundamental entre a União Soviética e os anglo-americanos, apesar de apoiarmos a aliança no seu conjunto. Quero dizer com isto que o nosso partido, o nosso exército e o nosso Estado-Maior General, longe de se submeterem às imposições dos ingleses e do Comando Aliado do Mediterrâneo, acolherem com grande desconfiança até mesmo os poucos conselhos que permitimos que nos dessem. Pedimos aos ingleses que nos atirassem armas em pára-quedas, mas constatámos que poucas nos mandaram. Como é do vosso conhecimento, travámos primeiro uma guerra de guerrilha e depois começámos a criar unidades cada vez maiores até à formação do nosso exército regular de libertação nacional.*

«*O povo grego lutou nas mesmas condições que nós. Insurgindo-se contra os agressores fascistas italianos, pô-los em debandada, venceu-os e chegou até a entrar na Albânia. Embora naquela época o nosso partido comunista ainda não existisse, os nossos comunistas e o nosso povo ajudaram os gregos na guerra contra a Itália fascista, apesar de a Albânia estar também ocupada. Porém, na sequência da intervenção do exército hitleriano na guerra contra a Grécia, o exército monárquico grego foi obrigado a recuar no seu próprio território e vencido. Foi*

então que nasceu a resistência e a luta de libertação nacional do povo grego, dirigidas pelo Partido Comunista da Grécia, que criou o EAM e os destacamentos de guerrilheiros e, mais tarde, outras unidades mais importantes.

«No decorrer da luta de libertação nacional, os nossos dois povos reforçaram ainda mais a sua amizade. Já no passado existiam laços de amizade entre o povo albanês e o povo grego. Sabe-se que nos anos 20 do século XIX muitos albaneses participaram na revolução grega chefiada por Ypsilanti, onde desempenharam um papel muito importante. Mas desta vez as nossas lutas revestiam-se das mesmas características e ambos os povos tinham a guiá-los os respectivos partidos comunistas. Reforçámos os laços que nos uniam e os nossos destacamentos de guerrilheiros chegaram mesmo a organizar operações militares conjuntas contra as forças alemãs em território grego. Por outro lado, a reacção era bastante poderosa, tanto na Albânia como na Grécia, e os ocupantes estavam bastante bem organizados. Aqui temos outro fenómeno comum aos dois países.

«Pela nossa parte, desenvolvemos esforços no sentido de isolar os chefes da reacção e subtrair às suas fileiras os elementos enganados; conseguimos resultados nesse campo. Não podemos dizer com exactidão o que se passou na Grécia, mas criticámos os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia por o EAM e eles próprios terem cometido um grave erro político de princípio ao subordinarem a luta de libertação nacional do seu povo à estratégia anglo-americana, quase que a colocando sob a direcção dos ingleses e do Comando Aliado do Mediterrâneo. Enviámos esta crítica ao camarada Niko Zachariadis em pessoa.

«O principal responsável por esta situação era Siantos, que assumira as funções de secretário-geral do Partido Comunista da Grécia durante a ausência de Zachariadis, na altura deportado nos campos de concentração alemães.

«Quando mais tarde chamámos a atenção do camarada Zachariadis para esta questão, ele não nos respondeu claramente e inclinou-se para a ideia de que não tinham sido cometidos erros. Mantive com insistência a crítica do nosso partido e acabei por dizer ao camarada Zachariadis que Siantos era um provocador, um agente dos ingleses. Se Siantos fosse um dos nossos, disse ainda ao camarada Zachariadis, o nosso partido tê-lo-ia levado a julgamento e punido com o castigo merecido, mas os camaradas gregos agiram doutra maneira. Claro que isto é um assunto vosso, mas em todo o caso fica dada a nossa opinião sobre esta questão.

«Em suma, o camarada Niko Zachariadis reconheceu que "Siantos não devia ter agido daquele modo" e que "os camaradas criticaram-no mas não o julgaram, apenas o expulsaram do partido".

«Dito isto, devo acrescentar que tivemos com os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia uma série de debates políticos, ideológicos e militares, uma vez que éramos dois partidos comunistas e tínhamos, como é lógico, o mesmo objectivo estratégico — libertar os nossos países do jugo dos ocupantes nazi-fascistas e da burguesia reaccionária.

«Registámos que, não obstante a coragem notável dos guerrilheiros gregos e dos seus comandantes, o camarada Niko Zachariadis, depois da sua libertação dos campos de concentração hitlerianos, assumiu um alto cargo na direcção, numa Grécia "libertada" mas em cujo território se mantinha o exército inglês, em virtude dos acordos de Caserte e do Cairo assinados anteriormente pelos representantes do EAM, acordos esses que haviam de levar aos de Varkiza. O nosso

partido reprovou tais actuações do Partido Comunista da Grécia, por as considerar como um acto de submissão da luta democrática grega, como uma fraqueza da sua política de libertação e uma capitulação perante a reacção anglo-americana.

«Tempos depois, num comício de massas organizado no estádio de Atenas, onde discursaram os líderes dos partidos burgueses gregos, o camarada Niko Zachariadis, enquanto dirigente do Partido Comunista da Grécia, pronunciou um discurso onde declarou, entre outras coisas: "Se os outros partidos democráticos gregos reclamam a autonomia do 'Vorio-Epire', o Partido Comunista da Grécia juntar-se-á a eles" (!). O nosso Partido protestou logo abertamente contra tais pontos de vista. Após esse acontecimento, convidámos o camarada Niko Zachariadis para um encontro e eu critiquei-o severamente, considerando a sua declaração como uma atitude antimarxista e hostil à Albânia. Disse-lhe claramente que o "Vorio-Epire" era um território albanês que nunca seria grego. Devo acrescentar que nessa ocasião o camarada Niko Zachariadis reconheceu o seu erro, confessou ter-se enganado redondamente, e prometeu corrigi-lo.

«Podemos talvez estar enganados, mas pensamos que Markos Vafiadis, que foi rapidamente afastado depois de tudo isto, era um bom comunista e um comandante competente. É claro que é apenas a nossa opinião e tanto pode estar certa como errada; não temos nada a ver com isso, porque é ao Partido Comunista da Grécia e não a nós que cabe julgar essa questão.

«As nossas divergências com a direcção do Partido Comunista da Grécia, dirigido pelo camarada Zachariadis, reportam-se em primeiro lugar aos acordos de Varkiza, assinados por aquele partido e pela EAM, e que não são mais do que uma capitulação, uma rendição. O Partido do Trabalho da Albânia criticou este acto de traição ao povo grego e ao Partido Comunista da Grécia. Os acordos deviam ter sido rejeitados e o espírito que os enformava asperamente criticado. Há muito tempo que expus estes pontos de vista aos camaradas Niko Zachariadis e Mitcho Partsalidis, este último, um dos signatários dos referidos acordos. Respeitamos os dois camaradas dirigentes gregos, mas este acto, que eles próprios inspiraram e realizaram, foi um erro crasso que causou grandes males ao povo grego.

«Relativamente aos tratados de Varkiza, Niko Zachariadis defendeu uma tese contrária à nossa. Repetiu incessantemente que os acordos não constituíram nem uma capitulação, nem uma traição, mas "uma acção necessária para ganhar tempo e facilitar a conquista do poder".

«A propósito desses acordos perguntei uma vez ao camarada Niko Zachariadis quais as razões da condenação e execução de Aris Veluiotis que, depois da assinatura dos mesmos, partiu para a Albânia a fim de contactar o Comité Central do nosso partido. Niko Zachariadis respondeu-me: "Apesar de ter sido um general corajoso, Aris Veluiotis não passava de um rebelde, de um anarquista, que rejeitou a decisão do Comité Central do Partido Comunista da Grécia sobre os acordos de Varkiza. Limitámo-nos a exclui-lo do Comité Central do partido. Quanto ao que lhe aconteceu posteriormente, quem o matou, etc., nada sabemos. Asseguramos-vos de que não somos responsáveis pelo seu desaparecimento", acrescentou. Já disse ao camarada Niko Zachariadis que, sem nos querermos intrometer nos seus assuntos e sem termos conhecido Aris pessoalmente, mas apenas pela sua imagem de heróico combatente do povo grego, pensamos que não o deviam ter afastado.

"Quanto ao seu desaparecimento", disse-lhe, "acreditamos naquilo que nos contam, mas em coerência com a nossa posição sobre os acordos de Varkiza, discordamos do que fizeram."

«Como marxistas-leninistas, lamentamos imenso o que aconteceu ao povo grego, com quem travámos o mesmo combate durante a luta antifascista de libertação nacional; por isso, quando o povo grego se viu mais tarde de novo perante o dilema da sua liberdade ou da sua servidão, quisemos prosseguir essa colaboração.

«Não vou falar aqui da ajuda e apoio internacionalistas que demos ao Partido Comunista da Grécia e à luta de libertação nacional do povo grego, apesar das difíceis condições em que se encontrava o nosso país acabado de libertar do jugo dos invasores. Que sejam os próprios camaradas gregos a falar sobre isso. A despeito da nossa grande pobreza fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para os socorrer, fornecendo alimentos e abrigo aos gregos refugiados no nosso território. O facto de a Albânia ser um país amigo libertado, onde o povo e o Partido do Trabalho tinham tomado o poder, constituía uma grande ajuda para o exército democrático grego, que assim ficava com uma retaguarda segura e bem defendida a Noroeste.

«Depois da capitulação de Varkiza recomeçou a luta de libertação nacional grega. O Comité Central do Partido Comunista da Grécia reuniu em plenário, para o qual convidou delegados do nosso partido; enviámos o camarada Mehmet Shehu. Houve então uma série de mudanças no seio da direcção do Partido Comunista da Grécia, mas isso eram assuntos internos desse partido. Nós apenas aprovámos e encorajámos com alegria os duros golpes infligidos nos quatro cantos da Grécia aos monarco-fascistas que, vendo o perigo que corriam, deixaram de se apoiar nos ingleses e pediram auxílio aos americanos. Os EUA enviaram à Grécia o sinistro general Van Fleet, considerado um estratega eminente, para comandar o exército fascista.

«Tivemos divergências com Zachariadis, Bardzotas e Joanidis a propósito do carácter da luta que o exército democrático grego deveria conduzir contra as numerosas forças regulares da reacção grega, equipadas pelos imperialistas americanos com as armas mais sofisticadas. Surgiu portanto entre os nossos dois partidos uma divergência de princípio sobre esta questão. Baseados na experiência da nossa luta de libertação nacional, defendemos que a luta democrática grega não devia tornar-se numa guerra clássica, mas sim conservar o carácter da luta de guerrilha com destacamentos de maior ou menor dimensão. Se se tivesse conduzido a luta deste modo, ter-se-ia não só evitado que as numerosas forças de Van Fleet ficassem em situação de poder destruir o exército democrático grego, como seria este, pelo contrário, que as iria enfraquecendo progressivamente com a táctica da guerra de guerrilha, até organizar a contra-ofensiva vitoriosa. Defendemos a ideia de que a guerra guerrilheira grega devia assentar no povo e que as armas deviam ser tiradas ao inimigo.

«Os pontos de vista estratégicos de Zachariadis eram opostos aos nossos. Os camaradas da direcção do Partido Comunista da Grécia chamaram exército "regular" e "moderno" aos destacamentos guerrilheiros que conseguiram reagrupar e, ademais, alegavam tê-lo dotado da estratégia e da táctica próprias da guerra de posições de um exército regular. Na realidade, na nossa opinião, as

forças reorganizadas eram um exército de guerrilheiros, que acabou por não possuir nem a táctica da guerrilha, nem a táctica de combate dum exército regular. Além disso, nas suas operações, os camaradas gregos acabaram por adoptar a táctica da defesa passiva, mãe da derrota. Isto foi, quanto a nós, um grave erro dos camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia, que se guiaram pela ideia falsa de que a guerra de guerrilha não tem um objectivo final, ou seja, não pode levar à tomada do poder. Ao longo das discussões que travámos ficámos com a impressão de que os camaradas gregos vêem a guerra de guerrilha como uma guerra de grupos isolados de dez a 15 combatentes, sem perspectivas de alargamento e de criação de brigadas, divisões e corpos de exército, etc. Isto não é correcto. Como mostra a experiência de todas as guerras de guerrilha, e como a nossa luta de libertação nacional confirmou, a guerra de guerrilha com pequenas unidades, se for bem dirigida, cresce gradualmente à medida que a própria luta se amplia e aumenta a consciência revolucionária das massas, até chegar à insurreição geral armada e à formação dum exército popular regular. Contudo, os camaradas dirigentes do Partido Comunista da Grécia defenderam teimosamente as suas ideias e negaram categoricamente a necessidade de estender e reforçar a guerrilha na Grécia. Não apoiámos e não apoiaremos nunca tais pontos de vista. Permitam-me exprimir o que pensamos da situação que se vivia na altura em que o Partido Comunista da Grécia passou à clandestinidade e teve de retomar a luta. As unidades do ELAS[1] tinham deposto as armas, as suas bases estavam destruídas, faltava-lhes roupas, víveres e armas; o moral do ELAS era baixo, o movimento batia em retirada. E foi precisamente este reagrupamento de forças que o Partido Comunista da Grécia designou desde o início de "exército regular" e "moderno", que, segundo eles, podia bater-se contra um inimigo dez vezes maior aplicando a estratégia e a táctica de um exército moderno numa guerra aberta. Pelo nosso lado, pensamos que tal exército de guerrilheiros devia usar a táctica de guerrilha, como nos ensinaram os nossos mestres Marx, Engels, Lénine e Stáline. Como é que se poderá chamar exército regular a um reagrupamento de forças guerrilheiras organizado pelo PC da Grécia numa altura em que o exército grego de libertação não tinha nem os quadros necessários, nem tanques, nem aviões, nem artilharia, nem transmissões, nem alimentos e nem sequer as armas ligeiras indispensáveis?! Consideramos que a análise dos camaradas gregos foi errada.

«Ao qualificar este reagrupamento de guerrilheiros de exército regular dotado da "estratégia e táctica de guerra de um exército regular" (estratégia e táctica essas que na realidade nunca foram aplicadas), a direcção do Partido Comunista da Grécia nem sequer reflectiu seriamente, como é dever dos marxistas, sobre os meios de abastecer o exército. Diziam os camaradas gregos: "É-nos impossível capturar armas ao inimigo". Ora tais concepções são contrárias aos ensinamentos de Lénine, quando este diz que, seja em que caso for, não se deve ficar à espera da ajuda externa ou de cima, mas contar com as próprias forças e nunca abandonar a organização ou reorganização de unidades, sob o pretexto de que faltam armas, etc. Os camaradas dirigentes subestimavam o inimigo, pensavam que a tomada do poder era coisa fácil e que podia ser alcançada sem desenvolver grandes esforços, sem verter sangue e sem uma sólida e vasta organização. As concepções dos camaradas gregos deram origem a outras consequências amargas, que

[1] Exército Popular Grego de Libertação.

os conduziram à recente derrota; mas o curioso é que, mesmo nos últimos encontros que tivemos, persistiram em considerar justas as suas ideias.

«O camarada Niko defende uma táctica e uma estratégia que são erradas na nossa opinião. E os factos dão-nos razão. No encontro que tive com o camarada Zachariadis, ele afirmou que era impossível às unidades do exército democrático penetrarem no interior do território grego, porque os monarco-fascistas e Van Fleet queimavam as aldeias obrigando as populações a fugir, de tal modo que todas as povoações ficaram desertas. Repliquei que nalguns casos isso poderia acontecer, mas não com a amplitude que ele referia. Baseava-me para o afirmar na lógica dos factos, pois é evidente que os monarco-fascistas e o exército americano não conseguiriam evacuar a população de todas as regiões habitadas da Grécia.

«Também nos opusemos às conclusões e pontos de vista expressos numa carta do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia enviada ao Bureau Político do nosso partido; nessa carta continuam a não analisar os erros e procuram disfarçá-los, considerando que as derrotas se devem ao fornecimento insuficiente de armas, munições e roupas, enquanto o inimigo reabastecido pelos anglo-americanos dominava o ar e o mar. É certo que o inimigo estava muito mais bem apetrechado e dispunha de forças materiais e humanas consideráveis, mas nessas circunstâncias, quando se combate a reacção interna e a intervenção militar externa, o que há a fazer é transformar o inimigo na principal fonte de abastecimento. O exército democrático grego devia tirar as armas ao inimigo, mas isso não se consegue usando a táctica da defesa passiva. Além do mais, pensamos que este estado de coisas não pode ser justificado por problemas de abastecimento. Consideramos que a direcção do Partido Comunista da Grécia, ao pôr de lado a táctica da guerrilha e desta forma o desenvolvimento da luta até à insurreição geral armada e à tomada do poder, aplicou uma táctica defensiva e passiva, inaceitável não só numa guerra de guerrilha como também numa guerra de posições de um exército regular. Seguindo esta táctica o exército democrático grego privou-se da possibilidade de se alargar a outras regiões do país, onde encontraria uma fonte inesgotável de forças, nos rapazes e raparigas do povo; privou-se ainda da possibilidade de capturar armas ao inimigo através de acções repetidas, rápidas, bem planeadas, nos locais onde o inimigo menos esperasse. O marxismo-leninismo ensina-nos que não se deve brincar com a insurreição armada, e a história de muitas guerras mostrou que a táctica da defesa passiva é funesta para a insurreição armada. Se a insurreição se mantém na defensiva, será rapidamente esmagada por um inimigo mais poderoso e mais bem equipado.

«Isto foi, quanto a nós, confirmado pela táctica seguida pelos camaradas gregos. O grosso das forças vivas do exército democrático grego ficou constantemente encerrado no sector fortificado de Vitsi e Gramos. Estas forças foram treinadas para uma guerra de posições e de carácter defensivo, conforme a linha imposta pela sua direcção. Os camaradas gregos acreditaram que tomariam o poder através de uma guerra defensiva e passiva. Nós pensamos que não era possível tomar o poder com os combatentes barricados em Gramos. A única manobra operada pela direcção do Partido Comunista da Grécia (e isto já sob pressão dos acontecimentos) foi na batalha de Gramos em 1948, onde os heróicos guerrilheiros gregos resistiram durante 70 dias seguidos, infligindo grandes perdas humanas ao inimigo, mas donde foram obrigados a partir para Vitsi para escapar ao

cerco e ao aniquilamento. Mas a tomada do poder manteve-se um objectivo bem longínquo. O exército democrático grego devia ter-se lançado ao ataque para conquistar as cidades. Não o fez. Os camaradas gregos afirmam que nessa altura não tinham forças para tal. Talvez seja verdade, mas sobre a razão de não terem essas forças e onde as deviam procurar, nem nessa altura nem mais tarde os camaradas gregos procuraram analisar e resolver o problema de um ponto de vista marxista-leninista. A táctica dos camaradas gregos consistia, como mostra a carta que o seu Bureau Político enviou ao nosso, em manter a todo o custo Vitsi e Gramos – bases que lhes serviriam para desenvolver a luta –, e pensavam que o êxito da luta dependia exclusivamente dos equipamentos, sem nunca terem encontrado a forma adequada de obter tais equipamentos durante a luta.

«Seja como for, o exército democrático grego, sofrendo derrotas atrás de derrotas, foi obrigado a recuar e a tomar posição na região de Vitsi e de Gramos. Foi um período crítico, tanto para o exército democrático grego como para o nosso país. Durante esse período seguimos atentamente a acção dos camaradas gregos. Antes da última ofensiva dos monarco-fascistas contra o exército democrático grego, os camaradas dirigentes gregos pensavam que a sua situação política e militar era francamente brilhante, e a dos inimigos, desesperada. Pensavam: "Vitsi está fortificada ao máximo e é inexpugnável; se o inimigo nos atacar por aí assinará a sua própria sentença de morte. Vitsi tornar-se-á o túmulo dos monarco-fascistas. Porém o inimigo é obrigado a desencadear esta ofensiva porque não tem outra alternativa, porque está à beira do abismo. O exército monarco-fascista e Van Fleet podem atacar quando quiserem que nós vencê-los-emos".

«O camarada Vlandas pensava que era em Gramos e não em Vitsi que o inimigo daria o golpe principal, porque "Gramos está menos fortificada devido à sua proximidade com a fronteira albanesa; após vencer aí, o inimigo atacará Vitsi, onde pensa poder aniquilar-nos devido à sua proximidade com a fronteira jugoslava. Mas depois de combatermos em Gramos e provocarmos grandes baixas ao inimigo, levaremos as nossas forças para Vitsi onde o apanharemos pelas costas".

«No entanto, pouco antes do último ataque do inimigo, informámos os camaradas gregos de que este atacaria Vitsi e não Gramos, a 10 de Agosto. Esta informação permitia aos camaradas gregos não serem apanhados desprevenidos e tomarem na devida altura as medidas necessárias. Mas mesmo assim eles continuaram a pensar que o golpe principal seria dado em Gramos. Segundo eles, o resultado seria o mesmo, atacasse o inimigo em Vitsi ou em Gramos. Pensavam: "Isso em nada altera os nossos planos. Tomámos todas as medidas necessárias tanto em Vitsi como em Gramos. Vitsi está inexpugnável, fortificada ao máximo e todos os caminhos por onde o inimigo pode vir estão bloqueados. O inimigo não tem meios para transportar armamento pesado para esta zona, a vitória será nossa".

«Eram estas as opiniões dos camaradas gregos dois dias antes do ataque inimigo em Vitsi. Mas os monarco-fascistas atingiram a terceira linha de defesa num só dia, e Vitsi caiu no espaço de dois ou três dias. Os combates e a resistência não atingiram grande intensidade. Isso foi para nós uma grande surpresa. Mas tomámos todas as medidas para nos defendermos dum eventual ataque dos monarco-fascistas. Os camaradas gregos, incluindo o camarada Partsalidis aqui presente, não estavam convencidos da justeza destas nossas medidas defensivas e consideraram-nas precipitadas. Os camaradas gregos não eram realistas. Muitos re-

fugiados, inclusive os democratas combatentes derrotados, tiveram de recuar para o nosso território. E que podíamos nós fazer?! Acolhemo-los e instalámo-los nos locais previstos.

«Não ficámos satisfeitos com o balanço que o Bureau Político do Partido Comunista da Grécia fez da derrota de Vitsi. Pensamos que era necessário fazer uma análise mais profunda, pois tinham sido cometidos graves erros. Após a retirada de Vitsi, o camarada Zachariadis depositou esperanças numa vitória em Gramos: "Gramos", dizia, "é-nos mais favorável que Vitsi, porque aí os tanques, que foram o elemento decisivo para a vitória dos monarco-fascistas em Vitsi, não poderão manobrar", etc.

«É preciso ter em conta que já nessa altura a traição de Tito era do conhecimento público. Mais tarde Zachariadis referiu que "os únicos que receberam os refugiados gregos foram os albaneses, porque os jugoslavos, não só não os deixaram entrar no seu país, como ainda os alvejaram." É possível que tenha sido assim, mas não o podemos afirmar.

«Numa conversa que tive com o camarada Zachariadis, após a retirada de Vitsi, levantei de novo a questão dos erros e da ausência de uma análise objectiva da situação por parte do Partido Comunista da Grécia e principalmente do comandante de Vitsi, o general Vlandas. "As suas análises", disse a Niko, "revelaram-se erradas. A prova disso foi que o exército democrático grego não conseguiu defender Vitsi."

«Niko Zachariadis contestou a minha afirmação e assegurou-me que Vitsi tinha caído por culpa de um certo comandante, que não só não havia posicionado o seu batalhão no sector da frente que fora designado, como ele próprio não compareceu no local de combate. Segundo Niko, foi este comandante o causador da derrota de Vitsi, pelo que, afirmou, "tomámos as medidas necessárias e condenámo-lo". O camarada Niko dava uma explicação demasiado simplista para justificar uma tão grande derrota.

«Confessei-lhe com franqueza e camaradagem que não podia acreditar em semelhante explicação.

«"Acredites ou não", respondeu Niko, "foi o que se passou."

«Apesar de tudo insisti: "E agora o que vão fazer?" "Vamos combater", disse Niko.

«" Mas onde?"

"Em Gramos, que é uma cidadela inexpugnável". Perguntei-lhe: "Tencionam concentrar aí todo o exército democrático grego?"

"Sim", respondeu Zachariadis, "vai todo para lá".

«Disse-lhe que eles conheciam melhor que nós os seus próprios assuntos e que a decisão lhes competia, mas, do nosso ponto de vista, Gramos não poderia resistir e portanto não deviam sacrificar inutilmente tantos combatentes valorosos do exército democrático grego, que ele comandava. "Vocês são", continuei, "nossos camaradas e amigos e, claro está, decidirão por vós próprios, mas penso que seria bom que convocassem o camarada Bardzotas (o comandante das tropas gregas em Gramos) para discutir este assunto". Niko opôs-se a esta sugestão dizendo que não havia possibilidades de o fazer.

«Todos sabemos o que se passou em seguida. Gramos marcou a derrota definitiva do exército democrático grego.

«Gramos caiu ao fim de quatro dias. Na nossa opinião o combate não foi bem organizado. Mantiveram-se numa defensiva total e passiva. É verdade que houve combates ferozes em determinados lugares, como Polié e Kamenik, onde os combatentes gregos resistiram heroicamente. A retirada das forças de Gramos processou-se em desordem (com excepção de Kamenik), tal como tinha acontecido em Vitsi. Soldados e comandantes do exército democrático grego, como o próprio camarada Zachariadis nos confirmou, comentaram que a táctica defensiva aplicada em Gramos tinha sido um erro.

«Consideramos que os camaradas dirigentes gregos não aplicaram nas batalhas de Gramos e Vitsi os princípios marxistas-leninistas da guerra popular. As colunas monarco-fascistas atingiram muito rapidamente, e sem serem atacadas no caminho, as posições que tinham previsto. Avançaram sem obstáculos até cercarem as forças democráticas gregas, que se tinham entrincheirado e não contra-atacaram; depois os inimigos atacaram, desalojaram os guerrilheiros das trincheiras e ocuparam as fortificações. O comando grego colocou todas as suas forças nas posições fortificadas e não guardou reservas para contra-atacar e dificultar, com assaltos e manobras rápidas, a ofensiva do inimigo. Na nossa opinião foram os erros de táctica que levaram à derrota. Os homens, esses, estiveram à altura da situação, pois eram velhos guerrilheiros experimentados no campo de batalha, que possuíam um moral elevado e se bateram heroicamente.

«Por outro lado, ao aplicar a sua táctica defensiva, a direcção do Partido Comunista da Grécia permitiu o reagrupamento e a reorganização das forças monarco-fascistas, pois não as atacou para dificultar esses preparativos, fazer fracassar a ofensiva ou, pelo menos, enfraquecê-la, e assim permitir às forças do exército democrático grego um amplo campo de manobra para desgastar incessantemente e por toda a parte as forças inimigas. Foram estas, quanto a nós, algumas das causas da derrota de Gramos e Vitsi. Na sua análise da derrota de Vitsi, o Bureau Político do Partido Comunista da Grécia declara que "uma grande responsabilidade cabe à direcção", mas não indica em que consiste essa responsabilidade, que aliás trata depois de repartir. Pensamos que não é uma análise marxista-leninista.

«Para alcançar a vitória, os camaradas gregos não deviam ter-se limitado à defesa passiva, mas sim aplicar correctamente os princípios marxistas- leninistas da insurreição armada. Consideramos que a táctica correcta seria fustigar incessantemente o inimigo em toda a parte, não lhe dar um só momento de tréguas, obrigá-lo a dispersar as tropas, semear o pânico e o terror nas suas fileiras, impossibilitar-lhe o controlo da situação. Deste modo, a luta revolucionária do povo grego não teria cessado de crescer, desgastando primeiro o inimigo, fazendo-o depois perder o controlo da situação e libertando sucessivas regiões e zonas até chegar ao objectivo final "da insurreição geral e da libertação de todo o país". Esta guerra na Grécia teria perspectivas de vitória.

«Nos encontros que tivemos com os camaradas gregos, dissemos-lhes frequentes vezes e com espírito de camaradagem que o exército guerrilheiro grego devia tentar capturar armas ao inimigo e reabastecer-se de víveres e roupas junto do povo com o qual e pelo qual lutava.

«Dissemos aos camaradas gregos que o seu exército devia, antes de tudo, ligar-se ao povo, ao qual pertencia e sem o qual não podia existir. O povo deve habituar-se a combater com o seu exército, a ajudá-lo e a amá-lo como libertador. O povo grego deve ser educado a não se render ao inimigo e a engrossar as fileiras do exército com homens e mulheres, rapazes e raparigas vindos do seu próprio seio.

«Também dissemos aos camaradas gregos, com amizade, que o papel dirigente do partido no exército devia ser aperfeiçoado. Os comissários políticos de cada companhia, batalhão, brigada ou divisão, devem ser os representantes do partido e, como tal, terem o direito de comandar ao lado do comandante propriamente dito. Observámos, e dissemo-lo várias vezes, que os camaradas gregos não trataram correctamente o papel dirigente do partido no exército. Já dei a conhecer ao camarada Stáline o que pensa o nosso partido sobre este assunto, o que também é referido na carta que lhe enviámos. A incompreensão do papel dirigente do partido no exército foi, quanto a nós, uma das principais razões que levaram à derrota do exército democrático grego. Defendemos o princípio de que comandante e comissário político constituem um todo que dirige as operações militares e a educação política dos destacamentos; a sua responsabilidade deve ser idêntica, seja qual for o campo de actividade considerado, e devem ser os dois, comandante e comissário, a dirigir a unidade no combate.

«Sem os comissários políticos não teríamos Exército Vermelho, ensina-nos Lénine. Nós tomámos em conta este ensinamento no nosso Exército de Libertação Nacional e ainda hoje o seguimos no Exército Popular. O comandante e o comissário, enquanto unidade dirigente, existiram no ELAS mas, na prática, esta forma de comando não foi aplicada como era necessário. A pressão dos pontos de vista burgueses errados dos oficiais de carreira, que não suportavam ver a seu lado no comando homens de confiança do partido, fez com que, nessa altura, o papel do comissário no comando do exército democrático grego fosse desvirtuado e relegado para segundo plano. Foi este o resultado das concepções dos dirigentes do Partido Comunista da Grécia acerca do "exército regular". Os camaradas dirigentes gregos esforçam-se por justificar a negação do papel do comissário político com o exemplo doutros países, mas pensamos que não estão a ser realistas.

«Estes erros também foram cometidos quando o exército popular grego de libertação retomou a luta. Depois da saída do general Markos, este exército ficou sem um comandante em chefe. Pensamos que nada justifica uma tal situação. No nosso país o secretário-geral do partido foi e continua a ser o comandante em chefe do exército. Pensamos que é correcto. Em tempo de paz talvez pudesse ser de outro modo, criando-se um Ministério da Defesa mas, no caso do exército democrático grego e em plena guerra, este devia ter à cabeça um comandante em chefe. Sempre pensámos, e a nossa experiência confirmou-o, que essa função político-militar cabe ao secretário-geral do partido. Repetidas vezes expressámos aos camaradas gregos este ponto de vista. As razões que invocaram para justificar o seu procedimento contrário não são convincentes. Os camaradas gregos diziam-nos: "O camarada Zachariadis é muito modesto", ou "tivemos a amarga experiência de Tito, que era simultaneamente secretário-geral, primeiro-ministro e comandante supremo do exército". Pensamos que não se trata aqui de uma questão de modéstia. Quanto à alusão a Tito, que parece conter alguma insinuação, nada tem a ver com o caso.

«Ficámos espantados com a quantidade de formas encapotadas de organização que os camaradas gregos utilizavam, embora víssemos que por trás disso havia uma outra realidade. Só podemos explicar o facto de pretenderem dissimular o papel dirigente do partido pelas ideias confusas, pelo oportunismo e pela falsa modéstia de que, quanto a nós, sofriam os camaradas gregos. Não afirmamos que o secretário-geral do partido deva obrigatoriamente ser o comandante em chefe do exército, mas um exército em luta sem um chefe, como aconteceu no exército democrático grego após a destituição de Markos, sempre nos pareceu um erro.

«Os camaradas gregos não responsabilizam ninguém por esta situação e pelas derrotas que se seguiram; pelo contrário, dividem as responsabilidades tanto pelos que cometeram erros, como pelos que não os cometeram. Atiram as culpas para os membros do partido, o que não é justo, pois os membros do Partido Comunista da Grécia sempre lutaram com heroísmo. Pensamos que os camaradas dirigentes gregos têm medo de pôr o dedo na ferida, receiam analisar profundamente os erros que, quanto a nós, foram graves. Também consideramos que falta espírito de crítica e autocrítica a alguns camaradas dirigentes gregos que, por amiguismo, se defendem uns aos outros dos erros que cometeram.

«Os camaradas dirigentes gregos opuseram-se aos pontos de vista que lhes expusemos, enquanto camaradas e comunistas internacionalistas que combatem pela mesma causa, que têm grandes interesses em comum e desejam o êxito da causa da luta do povo grego. Reagiram mal às nossas observações.

«O camarada Niko Zachariadis apresentou contra nós uma série de queixas que, naturalmente, refutámos. Já falámos da declaração a propósito do "Vorio-Epire". Também nos acusaram de supostamente termos requisitado camiões gregos para transportar os refugiados e o seu material e pediram-nos para colocarmos também às suas ordens os nossos camiões. É verdade que utilizámos os veículos gregos para o transporte dos refugiados para os locais de alojamento. Instalámos esses refugiados no Norte da Albânia, onde apesar das nossas dificuldades os reabastecemos com víveres, ou seja, partilhámos o nosso pão com eles. O nosso parque de transportes é muito reduzido e além disso tínhamos de assegurar o reabastecimento de toda a Albânia.

«Os camaradas gregos também nos criticam por não termos dado prioridade à descarga do material de socorro, roupas, víveres, tendas e cobertores, etc., que chegaram aos nossos portos para os refugiados antes destes partirem da Albânia. Isso não é verdade. A maior parte das vezes, as ajudas vindas do estrangeiro por mar e destinadas aos refugiados gregos eram armazenadas debaixo do material e das mercadorias que nos eram destinados. Creio não ser necessário dizer que, nestes casos, é preciso primeiro descarregar a parte de cima da carga, não é possível fazer de outro modo. Não conhecemos nenhum processo de descarregar um navio começando do fundo do porão.

«Seja como for, estas eram pequenas questões que podiam ser ultrapassadas, como de facto foram. O determinante eram as divergências sobre a linha política e militar do Partido Comunista da Grécia durante a guerra, como tenho vindo a expor.

«Os camaradas gregos não só rejeitaram os nossos pontos de vista e observações, como nos deram a impressão de os terem levado a mal; aliás, na carta que há algum tempo enviaram ao nosso Bureau Político, identificavam, de um modo

intolerável e antimarxista, as nossas opiniões e posições de princípio com as ideias dos titistas. Ao desnaturarem as posições defendidas pelo camarada Mehmet Shehu sobre a guerra de Vitsi e Gramos, para justificarem a sua argumentação errada, os camaradas dirigentes gregos, na nossa opinião, pretenderam esconder os seus erros. Compreendemos os momentos difíceis atravessados pela direcção do Partido Comunista da Grécia depois da derrota de Vitsi e de Gramos, compreendemos a tensão nervosa em que viveram, mas essas acusações graves e injustificadas são inadmissíveis e não deviam ter sido formuladas sem uma cuidada ponderação por parte do Bureau Político do Partido Comunista da Grécia.

«*No seguimento destas acusações, que o nosso Bureau Político analisou calmamente, considerámos que se tornava ainda mais inadiável a partida do pequeno número de democratas gregos refugiados na Albânia.*

«*O camarada Stáline que nos diga se as nossas opiniões e atitudes nesta matéria foram ou não justas. Nós estamos prontos a reconhecer qualquer eventual erro da nossa parte e a fazer a consequente autocrítica.*»

O camarada Stáline interrompeu-me dizendo:

«*Não devemos repelir os camaradas que se encontram numa situação adversa.*»

«— *Tem razão, camarada Stáline*», respondi, «*mas asseguro-lhe que nunca repelimos os camaradas gregos. As questões que pusemos à discussão revestiam-se da maior importância quer para o exército grego quer para nós. O Comité Central do nosso partido não podia permitir que a direcção do Partido Comunista da Grécia estabelecesse o seu centro na Albânia, tal como não podia permitir que se organizassem e treinassem no nosso país tropas que depois regressariam à Grécia para combater. Disse-o pessoalmente, num espírito amigável, ao camarada Niko Zachariadis, que há muito pedira a transferência dos refugiados gregos para outros países, o que foi feito com a grande maioria deles. Nunca demos a entender que expulsaríamos os refugiados gregos do nosso país mas, além do próprio camarada Niko ter pedido que partissem para outros países, o próprio bom senso indicava que, nas circunstâncias existentes, não devíamos em caso algum manter os que ainda restavam.*

«*São estes os problemas que eu queria levantar, camarada Stáline, e que nós, aliás, tratámos com os camaradas gregos e na carta que já vos enviámos.*»

«— *O camarada acabou?*» perguntou-me então o camarada Stáline.

«— *Acabei*», respondi.

Ele passou então a palavra ao camarada Zachariadis. Este começou a defender os acordos de Varkiza, assinalando que a assinatura desses acordos não era erro seu e desenvolveu essa tese. Repetiu os mesmos pontos de vista que anteriormente me expusera.

Para explicar as razões da derrota, Zachariadis, entre outras questões, disse o seguinte:

«*Se em 1946 pudéssemos prever a traição de Tito não teríamos iniciado o combate contra os monarco-fascistas*». Depois acrescentou ainda outras «*razões*» para explicar a derrota, repetindo que lhes tinha faltado armamento, que os albaneses, se bem que tivessem partilhado o pão com os refugiados gregos, lhes tinham levantado alguns obstáculos, etc. Assim, o camarada Zachariadis transformava em questões de princípio certos problemas secundários. Lembrou depois o nosso pedido

(que foi primeiro feito por ele próprio) sobre a partida dos últimos democratas gregos refugiados na Albânia. Na sua opinião, isso pôs fim à luta de libertação nacional grega.

Aproveito este momento para exprimir o que penso do camarada Niko Zachariadis. Era muito inteligente e culto, mas, na minha opinião, insuficientemente marxista. Apesar da derrota sofrida, pôs-se a defender a estratégia e a táctica seguidas pelo exército democrático grego, insistindo na sua justeza e alegando que não podiam agir doutro modo. Assim, cada um de nós permaneceu nas suas posições.

Foram estas, na sua essência, as teses de Niko Zachariadis. A sua exposição foi tão longa ou mais que a minha.

O camarada Stáline e os outros camaradas dirigentes soviéticos ouviram-no também atentamente.

A seguir a Niko, o camarada Stáline interrogou o camarada Mitcho Partsalidis:

«*Tem alguma coisa a dizer a propósito do que acabam de expor os camaradas Enver Hoxha e Niko Zachariadis?*»

«*— Nada tenho a acrescentar ao que o camarada Niko acaba de expor*», respondeu Partsalidis, e acrescentou que esperava que os camaradas soviéticos e o partido bolchevique fizessem uma apreciação dessas questões.

Então Stáline tomou a palavra. Falou pausadamente, como sempre o víramos falar em todos os encontros. Exprimiu-se em termos simples e extremamente claros. Reconheceu que a luta do povo grego tinha sido heróica, marcada por actos de heroísmo e também por erros.

«*No que respeita a Varkiza*», sublinhou Stáline, «*os albaneses têm razão*». E continuando a tratar este tema acrescentou: «*Os camaradas gregos devem compreender que os acordos de Varkiza foram um grave erro. Não deviam tê-los assinado nem deposto as armas, pois isso causou grandes prejuízos à luta do povo grego.*

«*Quanto à vossa estratégia e táctica na luta democrática grega, apesar de ter sido uma luta heróica, penso igualmente que os camaradas albaneses fazem uma apreciação correcta. Deviam ter levado a cabo uma guerra de guerrilha e ir percorrendo as suas várias etapas até à guerra convencional.*

«*Critiquei o camarada Enver Hoxha dizendo que não se deve repelir os camaradas em situação adversa mas, pelo que acabamos de ouvir aqui, podemos concluir que os camaradas albaneses tiveram uma atitude justa em relação às vossas opiniões e acções. As circunstâncias criadas e as condições da Albânia eram tais que se os camaradas gregos lá ficassem teriam posto em perigo a independência da República Popular da Albânia.*

«*Aceitámos o vosso pedido de transferência para outros países de todos os democratas gregos refugiados, e neste momento já todos partiram. Tudo o mais, armas, munições, etc., que os camaradas albaneses tiraram aos soldados democratas gregos que atravessaram a fronteira e entraram na Albânia, pertencem «a este país»*, sublinhou Stáline. *«Estas armas devem ficar na Albânia porque, ao acolher os combatentes democratas gregos, embora os tenha desarmado, pôs em perigo a sua independência.*

«*Quanto à vossa ideia de que "se tivessem previsto em 1946 a traição de Tito, não teriam iniciado o combate contra os monarco-fascistas", é uma ideia errada,*

pois é necessário combater pela liberdade do povo mesmo quando estamos cercados. E nem sequer estavam, pois nos vossos flancos ficavam a Albânia e a Bulgária, que apoiavam a vossa justa luta. Esta é a nossa opinião», concluiu o camarada Stáline. E acrescentou:

«*Os camaradas albaneses têm alguma coisa a dizer? Qual a vossa opinião, camaradas Hoxha e Shehu?*»

«— *Concordamos consigo em todos os aspectos.*»

«— *E os camaradas gregos? Camaradas Zachariadis e Partsalidis qual é a vossa opinião?*»

O camarada Niko declarou:

«*Ajudaram-nos muito; damo-nos agora conta de que não agimos bem e esforçar-nos-emos por corrigir os erros*», etc., etc.

«— *Muito bem*», disse Stáline, retomando a palavra. «*Então podemos dar este assunto por encerrado.*»

Quando nos preparávamos para partir, Mólotov interveio dirigindo-se a Zachariadis:

«*Tenho algo a dizer-lhe, camarada Niko. O Comité Central do Partido Comunista da União Soviética recebeu de um dos vossos camaradas uma carta onde se diz que "Niko Zachariadis é um agente dos ingleses". Não nos cabe a nós aclarar esta questão, mas não podemos deixar de o pôr ao corrente, tanto mais que a pessoa acusada é um camarada dirigente do Partido Comunista da Grécia. Eis a carta. Que pensa dela?*

«— *Posso explicar isso*», respondeu Niko Zachariadis.

«*Quando as tropas soviéticas nos libertaram do campo de concentração, dirigi-me ao comando soviético pedindo para ser enviado o mais depressa possível para Atenas, pois era aí o meu lugar. Viviam-se dias decisivos e eu devia estar na Grécia. Como o vosso comandante não dispunha, na altura, de nenhum meio de transporte para me conduzir, vi-me obrigado a ir falar com o comandante inglês, a quem pedi para ser reconduzido ao meu país. Os ingleses deram-me lugar num avião e foi assim que voltei para a Grécia. Como voltei para o meu país por intermédio do comando inglês, esse camarada acha que eu sou um agente dos ingleses, o que é obviamente falso*».

Stáline interveio dizendo:

«*Pronto, também esse assunto fica resolvido. Bom, então acabámos!*»

Levantou-se e apertou-nos a mão. Dirigimo-nos para a porta. Estávamos a sair quando Stáline nos chamou:

«*Um momento, camaradas! Camaradas Hoxha e Zachariadis, abraçai-vos!*»

Assim fizemos.

Uma vez lá fora, Mitcho Partsalidis comentou: «*Stáline é único, portou-se como um pai. Agora tudo está claro.*»

E foi assim que terminou este debate na presença de Stáline.

Quinto encontro

Abril 1951

Sobre a situação política, económica e social na Albânia. A reacção externa procura derrubar o nosso poder popular. Decisão final do Tribunal de Haia. «Uma grande vigilância e posições firmes permitem pôr a claro e aniquilar as investidas do inimigo». «A par da construção de unidades industriais, deveis zelar também pelo reforço da classe operária e pela formação de quadros». Sobre a colectivização da agricultura. «Não é para ficarem nos gabinetes que os especialistas soviéticos estão no vosso país, mas para ajudar na frente de trabalho». Críticas severas de Stáline ao conteúdo duma ópera soviética que deturpa a realidade. No XIX Congresso do PC da URSS (bolchevique) — pela última vez com o inesquecível Stáline.

A última entrevista que tive com Stáline desenrolou-se em Moscovo, a 2 de Abril de 1951, pelas 22.30 horas, hora local. Participaram neste encontro Mólotov, Malenkov, Béria e Bulgánine.

Nesta conversa foram tratados vários problemas relacionados com a situação interna do nosso partido e do nosso Estado, questões económicas, em particular do sector agrícola, os acordos económicos a concluir eventualmente com diversos países, o reforço do trabalho nos nossos Institutos Superiores, bem como problemas da situação internacional, etc.

De início, descrevi em traços gerais ao camarada Stáline a situação política do nosso país, o grande esforço que o nosso partido tem feito para educar as massas num elevado espírito revolucionário; falei-lhe da sólida unidade que se criou e se fortalece todos os dias no partido e no povo, da confiança inquebrantável do nosso povo no partido. «*Consolidaremos sem descanso as nossas vitórias*», disse ao camarada Stáline, «*sempre vigilantes e prontos a defender a independência e a liberdade, a integridade territorial do nosso país e as vitórias do povo contra qualquer inimigo externo ou interno que tente ameaçar-nos. Em particular, seguiremos com atenção as inúmeras tentativas do imperialismo norte-americano que, através dos seus lacaios – os nacionalistas de Belgrado, os monarco-fascistas de Atenas e os neofascistas de Roma –, visa derrubar o nosso poder popular, submeter-nos e desmembrar a Albânia.*»

Informei também o camarada Stáline da sentença final do Tribunal de Haia.

«*Este tribunal*», disse-lhe entre outras coisas, «*examinou, como já vos tinha dito, o pretenso incidente de Corfu e, como foi manipulado pelos imperialistas anglo-americanos, condenou-nos injustamente a indemnizar os ingleses. Rejeitámos esta decisão arbitrária, mas os ingleses deitaram a mão ao ouro que os nazis alemães nos roubaram do antigo Banco Nacional da Albânia. Quando o ouro pilhado pelos nazis nos países ocupados foi descoberto na Alemanha, a Comissão Tripartida encarregue da sua distribuição decidiu, nas reuniões que efectuou em Bruxelas, em 1948, restituir à Albânia uma parte daquilo que lhe pertencia por direito.*

Mas os ingleses deitaram a mão a esse ouro, bloquearam-no e não nos deixam levantá-lo, contrariamente à decisão tomada em Bruxelas.

«*Os inimigos externos do nosso país*», disse depois ao camarada Stáline, «*manifestam agora publicamente laços estreitos. Organizam provocações constantes junto à fronteira jugoslava, grega e italiana, não só por via terrestre mas também por mar e ar. Os governantes destes três países, não satisfeitos com a sua política abertamente anti-albanesa, uniram os traidores fascistas, os emigrados albaneses, os bandidos, desertores e criminosos de toda a espécie, que são treinados pelos estrangeiros para serem lançados de pára-quedas na Albânia, com o objectivo de organizar movimentos armados, sabotagens na economia, atentados contra os dirigentes do partido e do Estado e criar redes de espionagem para os seus patrões.*

«*Continuamos vigilantes em relação a estas actividades da reacção externa e ripostaremos em conformidade a cada uma das suas tentativas. O nosso exército e a Segurança do Estado deram um grande contributo nesse sentido. Têm sido constantemente reforçados, escrupulosamente educados e modernizados, assimilando a arte militar marxista-leninista.*»

Em seguida referi a Stáline uma série de problemas militares e os principais locais por onde podemos ser eventualmente atacados do exterior.

«*Como é que sabem que serão atacados por esses sítios?*» — perguntou-me logo Stáline.

Depois de escutar as explicações detalhadas que lhe forneci sobre esse ponto disse-me:

«*No que respeita às questões militares que acaba de invocar, encarregaremos o camarada Bulgánine de as discutir aprofundadamente convosco.*»

Fez-me então uma série de perguntas, entre as quais: «*Com que armas defendem a vossa fronteira? O que é que fazem com as armas que capturam ao inimigo? Quantos homens conseguem mobilizar em caso de guerra? De que efectivos dispõem actualmente?*»

Respondi às perguntas. Evoquei nomeadamente a grande ligação existente entre o exército e o povo, o grande amor do nosso povo pelo seu exército, e disse ao camarada Stáline que, em caso de invasão estrangeira, todo o povo se levantaria para defender liberdade e independência do seu país e o poder popular.

Então Stáline tomou a palavra, mostrando-se satisfeito por saber que o nosso exército se ia fortalecendo em estreita ligação com o povo. Disse-me entre outras coisas o seguinte:

«*Ainda bem que os vossos efectivos militares são suficientes; assim aconselho-vos a não os aumentar, pois isso sairia caro. Precisam é de aumentar um pouco o número de tanques e de aviões.*

«*Na actual situação estejam de sobreaviso para o perigo que vos pode vir da Jugoslávia. Os titistas têm agentes em vossa casa e enviarão mais. Desejariam atacar-vos, mas não o podem fazer porque têm medo. Não se deixem enfraquecer e empenhem-se na tarefa de consolidar a economia, educar os quadros e fortalecer o partido; sejam vigilantes e treinem bem o exército. Se tiverem um partido, uma economia e um exército sólidos, nada têm a recear.*

«*Os monarco-fascistas gregos*», prosseguiu, «*temem os búlgaros, têm medo de um ataque da sua parte. Por seu lado os jugoslavos, para conseguirem ajuda dos americanos, bradam a todos os ventos que a Bulgária os vai atacar. Mas esta não tem nenhuma intenção desse género, nem contra os gregos, nem contra os jugoslavos.*»

Seguidamente referi ao camarada Stáline o enorme trabalho que temos feito para reforçar a unidade no seio do povo e com o partido, assim como os golpes desferidos contra os elementos traidores e hostis. Disse-lhe que, em relação a esses elementos, não nos mostrámos hesitantes nem oportunistas, antes tomámos as medidas necessárias para neutralizar as consequências da sua actividade hostil. «*Aqueles que ultrapassaram as marcas com a sua actividade criminosa e hostil*», precisei, «*foram apresentados a tribunal e receberam o castigo que mereciam.*»

«— *Fizeram bem*», observou Stáline. «*O inimigo procurará infiltrar-se no partido e até mesmo no Comité Central, mas a vigilância cerrada e posições firmes permitem identificar e anular essas tentativas.*»

Mais uma vez discutimos longamente a situação económica, os resultados obtidos no desenvolvimento económico e cultural no nosso país e as perspectivas do futuro. Falei-lhe, entre outras coisas, dos sucessos da política do nosso partido na industrialização socialista e desenvolvimento da agricultura, bem como de certas previsões que fazíamos para o 1.º Plano Quinquenal 1951-1955.

Como habitualmente, mostrou-se muito interessado na nossa situação económica e na política seguida pelo nosso partido nesse campo. Perguntou-me quando estaria pronto o complexo têxtil, a refinaria de açúcar e outras unidades industriais em construção no nosso país.

Ao responder a estas perguntas, assinalei que, a par dos êxitos obtidos na construção desses e outros estabelecimentos industriais e sociais, bem como na agricultura, também tínhamos registado alguns insucessos. «*No Comité Central do Partido*», disse-lhe, «*analisámos as causas desses insucessos com um espírito de crítica e autocrítica e atribuímos a cada um a respectiva responsabilidade; damos particular importância ao reforço do papel dirigente do partido, à bolchevização contínua da sua vida e ao estreitamento dos seus laços com as massas do povo*», e continuei a minha exposição sobre a situação interna do nosso partido.

Mas Stáline interrompeu-me:

«*Camarada Enver, porque é que me coloca esses problemas que conheceis melhor que nós? Alegramo-nos por vos ouvir dizer que estão a construir uma série de estabelecimentos industriais. Mas devo acrescentar que, paralelamente à construção de tais unidades, deveis velar igualmente pelo reforço da classe operária e pela formação de quadros. Em particular, o partido deve cuidar da classe operária, que surgirá e se reforçará diariamente à medida do desenvolvimento industrial da Albânia.*»

«— *A questão do desenvolvimento e progresso da agricultura*», retomei eu, «*reveste-se para nós de grande importância. Sabeis que somos um país agrícola que herdou um grande atraso do passado. Tem sido nosso objectivo aumentar a produção agrícola e, mesmo tendo em conta o facto de a maior parte das nossas unidades agrícolas serem pequenas explorações individuais, precisamos de continuar a tomar múltiplas medidas para ajudar os camponeses e encorajá-los a trabalhar melhor e a produzir mais. É certo que temos conseguido resultados, e a*

produção aumentou. Porém estamos conscientes de que o nível actual da nossa agricultura não corresponde às crescentes necessidades do país em produtos alimentares para a população e em matérias-primas para a nossa indústria e exportação. Sabemos que a única via que poderá arrancar a nossa agricultura do atrasa e assentá-la em bases sólidas que assegurem uma grande produção, é a da colectivização. Mas neste campo avançamos com moderação.

«— *Existem muitas cooperativas?*» — perguntou Stáline.

«— *Cerca de noventa.*»

«— *Qual e sua situação? Como vivem os camponeses cooperativistas?*»

«— *A maior parte destas cooperativas existe apenas há um ou dois anos. Todavia uma parte delas mostra a sua superioridade sobre a pequena propriedade individual. O trabalho colectivo e organizado e a ajuda permanente em sementes, em maquinaria, em quadros, etc., que o Estado lhes concede, têm por objectivo a consolidação das bases da produção e o seu aumento. No entanto, ainda precisamos de trabalhar muito para as transformar em exemplos para os camponeses individuais. É por isso que o nosso objectivo principal na organização da agricultura, continuando a consolidar as cooperativas existentes através da ajuda e da protecção, é a criação de novas unidades deste tipo.*»

Stáline ouviu-me e aconselhou;

«*Não se preocupem demasiado com a criação de novas cooperativas agrícolas. Consolidem as já existentes, procurem aumentar os seus rendimentos. Deste modo os seus membros ficarão satisfeitos com os bons resultados, o que levará outros a empenharem-se na via da colectivização.*

«*Enquanto os camponeses não estiverem convencidos da superioridade da propriedade colectiva, é inoportuno aumentar o número de cooperativas. Se as cooperativas já criadas trouxerem vantagens aos seus membros, outros camponeses farão o mesmo.*»

Os problemas da nossa agricultura, a situação do campesinato, as suas tradições e mentalidade ocuparam a maior parte deste encontro. Stáline queria ser informado dos mais pequenos detalhes, regozijava-se com os nossos êxitos, mas não deixava de nos fazer observações amigáveis e de dar preciosos conselhos com o objectivo de nos facilitar o trabalho futuro.

«*O milho continua a ser a principal cultura na Albânia?*» — perguntou.

«— *Sim*», respondi, «*o milho e a seguir o trigo. Contudo, nos últimos anos o cultivo do algodão, do girassol, dos legumes, da beterraba açucareira, etc., tem-se difundido.*»

«— *Plantam muito algodão? Com que rendimento?*»

«— *Temos vindo a alargar as superfícies reservadas para esta cultura industrial, e os agricultores já adquiriram uma experiência que não se pode desprezar. Este ano contamos semear cerca de 20 mil hectares, mas quanto ao rendimento e à qualidade do algodão estamos aquém do desejável. Produziu-se uma média de cinco quintais por hectare, mas temos de melhorar este resultado. Discutimos e analisamos muitas vezes este problema capital, pois dele depende o vestuário do povo. Tomámos muitas medidas nesse sentido, mas ainda não obtivemos os resultados desejados. A cultura do algodão precisa de sol e água. Temos sol com fartura, o solo e o clima também são favoráveis a esta cultura, mas no que diz respeito*

à irrigação estamos atrasados. Precisamos de criar um bom sistema de canais para promover esta cultura.

«*— O que é que os camponeses irrigam mais, o milho ou o algodão?*» — perguntou Stáline.

«*— O milho*», respondi.

«*Isso quer dizer*», concluiu ele, «*que os vossos camponeses ainda não gostam do algodão, que o subestimam.*»

No seguimento da nossa conversa, relatei ao camarada Stáline as últimas discussões sobre as debilidades nesta cultura e as tarefas que nos cabem para a desenvolver. Salientei que os estudos feitos no terreno mostravam que, em certos casos, não se utilizou a semente adequada às características do solo. Na mesma ocasião apresentei-lhe um conjunto de pedidos de ajuda para podermos assegurar o ritmo normal de trabalho no complexo têxtil e na fábrica de descasque do algodão.

«*Talvez algum especialista se tenha enganado*», disse ele. «*Mas o essencial é o trabalho do agricultor. Quanto aos vossos pedidos de algodão serão todos satisfeitos desde que justificados. De qualquer modo examinaremos o assunto.*»

No decurso deste encontro, o camarada Stáline inquiriu várias vezes sobre as nossas cooperativas agrícolas, o seu estado actual e perspectivas de desenvolvimento. Recordo-me que me fez as seguintes perguntas, entre outras:

«*De que máquinas dispõem as vossas cooperativas agrícolas? Como funcionam os parques de máquinas e tractores? Tendes instrutores?*»

Respondi a todas as perguntas, mas ele não se mostrou lá muito satisfeito com a organização do nosso trabalho nesse sector e fez a seguinte crítica:

«*Esse trabalho não está bem montado. Se continuarem assim, correm até o risco de prejudicar as cooperativas já existentes. Deveis, naturalmente, prosseguir a qualificação dos técnicos, mas a presença de instrutores soviéticos ser-vos-á útil. E estes não devem ficar nos gabinetes, mas sim prestar o seu auxílio na frente de produção.*»

«*Se os vossos principais quadros dirigentes da agricultura nunca viram como são orientadas e organizadas as cooperativas agrícolas noutros países, terão dificuldade em realizar esse trabalho convenientemente. Eles que venham à União Soviética ver como aqui se procede e aprender com a nossa experiência para depois a poderem transmitir aos camponeses da Albânia.*»

Referi ainda a Stáline a necessidade de estabelecermos ligações económicas com outros Estados.

Ouviu-me e retorquiu:

«*E o que vos impede? Já assinaram tratados com os países de democracia popular que, aliás, vos concederam créditos. Aconselho-vos a concluir com outros países acordos semelhantes aos que firmaram com a Bulgária. Não temos nada contra essa prática, antes pelo contrário, consideramo-la muito positiva.*»

Avancei então com outros pedidos de ajuda para o nosso desenvolvimento económico e cultural. Stáline acolheu-os benevolamente como de costume e disse-me para tratar com Mikoian, com quem, aliás, estive três vezes durante estes dias, para discutir pormenores e tomar decisões.

O camarada Stáline acedeu ao meu pedido de envio de professores soviéticos para os nossos institutos superiores, mas observou: «*E como farão os nossos professores que não falam albanês?*»

E depois, olhando-me nos olhos, acrescentou:

«*Nós compreendemos a vossa situação, é por isso que vos temos ajudado e continuaremos a ajudá-los ainda mais. Tenho contudo uma crítica a fazer-vos, camaradas albaneses. Examinei os vossos pedidos e verifiquei que pedem poucas coisas para a agricultura. Pedis-nos sobretudo apoio para a indústria, mas a indústria sem a agricultura não sobrevive nem avança. Quero-vos dizer, camaradas, que é preciso dar muito mais importância ao desenvolvimento agrícola. Mandámos-vos também conselheiros para as questões económicas mas, aparentemente, não têm feito bom trabalho.*»

«— *Têm-nos ajudado*», intervim eu, mas Stáline, pouco convencido com o que lhe acabava de dizer acerca dos conselheiros soviéticos, voltou à carga e perguntou-me sorrindo:

«*Que fizeram vocês da semente de milho georgiano que vos dei? Semearam-na ou deitaram-na pela janela fora?*»

Apanhado de surpresa, corei e retorqui-lhe que a tínhamos distribuído em certas zonas, mas desconhecia os resultados. De regresso a Tirana, interessei-me logo pelo problema e os camaradas informaram-me de que os resultados eram excelentes; os camponeses que a tinham semeado chegaram a colher 70 quintais por hectare e ouvia-se falar em todo o lado do milho georgiano, ao qual os camponeses chamavam «*o presente de Stáline*».

«*E aos eucaliptos, que lhes fizeram? Plantaram as sementes que vos mandei?*»

«— *Enviámo-las para a zona de Myzeqe onde há muitos pântanos, e transmitimos aos especialistas todas as vossas recomendações.*»

«— *Muito bem*», disse o camarada Stáline. «*É preciso que vele para que sejam plantadas e cuidadas. É uma árvore que cresce muito depressa e é extremamente eficaz contra a humidade.*»

«*As sementes de milho que vos demos crescem rapidamente e podem semeá-las por toda a Albânia*», disse o camarada Stáline, perguntando-me seguidamente:

«*Dispõem de organismos especiais para a selecção de sementes?*»

«— *Sim*», respondi, «*e criámos igualmente um sector especializado dependente do Ministério da Agricultura, que esperamos reforçar e expandir no futuro.*

«— *Fazem muito bem*», observou o camarada Stáline. «*É essencial que esses serviços determinem exactamente quais as sementes e plantas mais adequadas às diversas zonas do país. Também podem encontrar no nosso país sementes cujos rendimentos são duas ou três vezes superiores. Já vos disse que os ajudaremos por todos os meios ao nosso alcance, mas o essencial, camaradas, é o vosso próprio trabalho, esse trabalho vasto e incessante que fazeis para desenvolver o vosso país, a indústria, a agricultura, a cultura e a defesa.*»

«— *Camarada Stáline, vamos seguir à risca as suas recomendações*», disse-lhe, agradecendo o seu sincero e caloroso acolhimento e os preciosos conselhos e recomendações que nos dera.

Dessa vez passei todo o mês de Abril na União Soviética.

Alguns dias depois desta conversa, a 6 de Abril, fui ao teatro Bolchoi ver a nova ópera *Do Fundo do Coração*, cujo enredo, como me tinham dito, tratava da nova vida nos campos kolkhozianos. O camarada Stáline foi nessa mesma noite assistir ao espectáculo. Ocupava uma frisa, enquanto eu, os meus camaradas e os camaradas soviéticos que nos acompanhavam estávamos num camarote do primeiro balcão em frente do dele.

No dia seguinte soube que Stáline tinha feito severas críticas a essa ópera, que alguns críticos já tinham elogiado como uma obra musical de grande valor.

Disseram-me depois que o camarada Stáline criticara a ópera por ela não representar de maneira justa e objectiva a vida nos campos kolkhozianos. O camarada Stáline observara que a vida dos kolkhozes era idealizada, que a peça não reflectia a realidade nem a luta das massas contra as insuficiências e dificuldades, e estava toda ela impregnada da ideia nefasta de que «*tudo corre no melhor dos mundos*».

Esta ópera foi criticada mais tarde pela imprensa central do partido e compreendi a preocupação de Stáline com fenómenos deste género, que traziam dentro de si os germes de um perigo enorme para o futuro.

Entre as visitas que fiz nesses dias inesquecíveis, lembro-me de uma a Stalingrado, onde visitei a colina de Mamaiev Kurgan. Durante a guerra antifascista os combatentes do Exército Vermelho, com o nome de Stáline nos lábios, defenderam esta colina, polegada a polegada, milímetro a milímetro. O solo da colina de Mamaiev Kurgan foi revolvido e os terríveis bombardeamentos mudaram-lhe várias vezes o relevo. A famosa batalha de Stalingrado transformou este lugar, antes coberto de erva e flores, num terreno juncado de ferro e aço, com destroços de tanques destruídos na frente de batalha. Curvei-me respeitosamente para apanhar um punhado de terra desta colina, que simboliza os feitos heróicos do soldado da época de Stáline, e, de regresso à Albânia, ofereci-a ao Museu da Luta de Libertação Nacional em Tirana.

Do cimo de Mamaiev Kurgan vislumbra-se toda a cidade de Stalingrado, pela qual serpenteia o imponente Volga. Foi nesta cidade lendária que os soldados soviéticos, aplicando o plano de Stáline de ataque às hostes hitlerianas, escreveram páginas gloriosas da história, foi lá que triunfaram sobre os agressores nazis e impuseram uma viragem na II Guerra Mundial no seu conjunto. Incendiada, destruída e reduzida a escombros, nem mesmo assim a cidade que tem o nome do grande Stáline se rendeu.

Agora era um espectáculo totalmente que se me oferecia aos olhos. A cidade destruída pela guerra fora completamente reconstruída num lapso de tempo extremamente curto. Os novos edifícios, prédios de habitação, estabelecimentos socioculturais, escolas, universidades, cinemas, hospitais, fábricas e oficinas modernas, as novas ruas largas e limpas alteraram-lhe completamente a fisionomia. As ruas eram ladeadas por árvores verdejantes, os parques e jardins estavam cheios de flores e de crianças. Visitei também a fábrica de tractores onde falei com muitos operários. «*Gostamos muito do povo albanês*», disse-me um deles, «*e actualmente, em tempo de paz, trabalhamos também para ele. Enviaremos aos camponeses da Albânia ainda mais tractores, tal é a vontade e a recomendação de Stáline*». Por todo o lado sentimos o amor e respeito pelo povo albanês que Stáline, amigo bem-amado e inesquecível do nosso povo e do Partido do Trabalho da Albânia, tinha feito nascer no coração do povo soviético.

Foi assim que terminou esta visita que fiz à União Soviética, a do meu último encontro pessoal com Stáline de quem guardo, como já referi, lembranças e impressões inesquecíveis.

Em Outubro de 1952 regressei a Moscovo, à frente da delegação do Partido do Trabalho da Albânia ao XIX Congresso do PC (b) da União Soviética. Foi aí que vi e ouvi pela última vez a voz cativante e exaltante de Stáline que, do alto da tribuna do Congresso, depois de ter lembrado que a burguesia tinha abandonado descaradamente a bandeira das liberdades democráticas, da soberania e da independência, se dirigiu aos partidos comunistas e democráticos que ainda não tinham tomado o poder, pronunciando estas históricas palavras: «***Penso que é a vós que cabe reerguer essa bandeira (...) e levá-la para a frente se quereis unir a vós a maioria do povo, (...) se quereis ser os patriotas do vosso país e tornar-vos a força dirigente da nação. Ninguém senão vós o poderá fazer.***»

Conservo e conservarei sempre viva no meu espírito e no meu coração a sua imagem, no momento em que da tribuna do Congresso, nos galvanizava qualificando os partidos comunistas dos países socialistas como «*brigadas de choque do movimento revolucionário mundial*».

Nesses dias do Congresso fizemos o juramento de que o Partido do Trabalho da Albânia se mostraria digno do título de «*brigada de choque*» e que poria em prática, o mais fielmente possível, os ensinamentos e recomendações de Stáline – esse testamento histórico de que o nosso partido cuida como da menina dos seus olhos. Repetimos este juramento solene nesse dia de profunda tristeza em que o imortal Stáline nos deixou, e estamos orgulhosos por o nosso partido, brigada de choque de Stáline, nunca ter faltado à sua palavra, guiando-se exclusivamente pelos ensinamentos de Marx, Engels, Lénine e do seu discípulo e continuador consequente da sua obra, nosso amigo muito amado, o glorioso dirigente Iossif Vissariónovitch Stáline.